

Porto 1992



Segunda intervenção

2. Vou tomar exactamente as suas últimas palavras que resumem, por assim dizer, a minha reflexão a partir das questões desta manhã. Não é só o outro, eu e o outro, mas o outro de cada um de nós. ^{Recordo} Por isso as referências que esta manhã foram feitas à fronteira, à questão da defesa e do mimetismo face ao outro, a não querermos ser o outro. ~~Tudo isto me leva a pôr duas questões.~~ A primeira que o Dr. Quintanilha referiu *en passant* mas à qual eu dou ênfase particular - trata-se da circunstância de antes do intervalo ^{terem} ~~estavam~~ 86 mulheres e 39 homens ^{na sala e estarão aqui na} ~~na sala e estarão aqui na~~ mesa 2 mulheres e 17 homens. Isto não tem nada que ver ^{com a reivindicação dos direitos das mulheres,} ~~com a reivindicação dos direitos das mulheres,~~ mas sim ^{com} o outro de nós mesmos, ^{com} aquilo que nós somos no fundo da nossa própria existência. ~~E por~~ ^{Dai} ~~isso mesmo~~ a minha questão ^{que necessariamente se põe:} é esta: que ameaça representa para a cultura portuguesa a visibilidade do seu lado feminino? Porque é que é invisível o lado feminino em qualquer circunstância pública? O que é que a cultura portuguesa diz sobre isto? O que é que diz, não por palavras, por teorias, mas nas suas expressões quotidianas? ^{Em outros termos, como conjugam esta invisibilidade} O que é que isto tem que ver, ao mesmo tempo, com a tessitura da cultura tal como ela é, desde o acto mais simples até à criação mais original e mais única? O lado feminino aguenta ou não aguenta a sociedade? Contribui ou não contribui para essa cultura? ^{Espanol Eng.º levantamos estas questões} ~~E de que maneira?~~ ~~E penso que não é má imagem o~~ filme "Persona" de Bergman. O outro de mim mesmo quem é? quem sou eu? quem é o outro? ^{naquela casa de illa?} ~~quem entra, entram dois numa casa, entram duas nesse caso,~~ ^{outras} ~~sai uma~~ pessoa, qual delas é? Quem é? Onde está? Como é que na nossa cultura portuguesa nós exprimimos essa dualidade, pelo menos, ^{ou} ~~mas,~~ mais do que dualidade, ^{esse} ~~presença~~ dentro de nós?

A ^{segunda} ~~segunda~~ ^{questão} ~~questão~~
~~E passo a um segundo ponto,~~ ^{decorre} ~~que tem que ver ainda com a mesma~~ ^{da}
interrogação ^{sobre} ~~funda~~ do outro em nós mesmos, e que eu diria o Outro com letra
maíuscula nesse caso. Onde é que está a suprema alteridade? O que é que a

→ E pergunto: \bar{q} outro suscita este ambiguidade de sentimentos? o outro \bar{q} é distinto do eu? ou o outro de nós mesmos? E quem é, o \bar{q} é, esse outro \bar{q} em nós coabita? Estas interrogações, geradas na sua formulação, conduziram-me a duas questões concretas.

→ n.º apenas \bar{q} tornar evidente a questão \bar{q} aqui nos interessa. O \bar{q} está em causa

→ de reconhecermos, de darmos \bar{q} ao outro \bar{q} ~~como~~ coexiste em nós. ~~Grac~~ Face ~~ao n.º \bar{q}~~

Fundação Cuidar o Futuro

→ do lado feminino da sociedade e, logo, ~~de~~ \bar{q} como, do outro-feminino - \bar{q} como (de resto, \bar{q} \bar{q} seja o nosso sexo)



cultura portuguesa diz sobre essa suprema alteridade? Onde é que está a interrogação religiosa? E falou-se aqui da nossa partida e da nossa chegada a outros continentes. Claro que os portugueses chegaram, ^{"plantaram"} puseram o padrão, ^{no ideal moderno} e continuaram, ^{ps diácris navegaram} disseram missa no Brasil, cumpriram os seus rituais e continuaram. Outra coisa foi a atitude dos *pilgrims* quando chegaram à América do Norte, ^{que} continuaram em cada dia com uma referência ~~religiosa~~ à dimensão religiosa o que traz hoje à superfície uma cultura completamente diferente.

~~Eu pergunto: onde está o que é a ausência de interrogação religiosa?~~ ^{o q significa na nossa cultura portuguesa}

Lembro-me de ^{ouvir} há muitos anos ler o Vitorino Magalhães Godinho e quando ele ^{e de lembrar entre dessa} dizia "o povo português não é um povo religioso", ^{mas análise histórica} então eu não concordava, ^{isso leva-me a perguntar:} hoje tendo a concordar com ele. ^{que leva sobre o} O que eu estou a dizer é: o muro final dentro de nós é a interrogação ^{de} sentido último das coisas, onde é que está? E é curioso que um dos maiores, entre nós, foi capaz de dizer: "as coisas são as coisas e são sempre as coisas e quando estou a pensar estou a ver as coisas e ver as coisas é pensá-las", ^{também} mas também foi capaz, enquanto engenheiro Álvaro de Campos, de se interrogar no meio da técnica e ^{foi capaz} de dizer: "eu sou aquele que ouviu a voz de Deus numa capoeira e cantou a canção do infinito num poço tapado". ^{Quem é q} Onde é ^{no meio das coisas formula} que está esta interrogação? Foi só ele, foi só o poeta? ~~É tudo.~~

Fundação Cuidar o Futuro



Terceira intervenção

A propósito do

3. ~~Primeiro, queria justamente engrenar no~~ que acabou de dizer João Pina Cabral quanto à importância da escola. ~~Uma pequena anedota, só:~~ no verão passado, ~~esteve~~ *esteve umas semanas* cá uma família suíça, ~~na Praia das Maças;~~ e uns dias antes de partirem estiveram em minha casa, com ~~a criança~~ *o filho* mais nova, um rapaz de seis anos. Eu ~~perguntei-lhe:~~ "Então Emmanuel, gostaste?" ~~"Como é que foi a tua estadia?"~~ E o garoto ~~diz-me:~~ *responde logo!* "Oh! J'ai beaucoup aimé, mais..." A mãe, com medo do que ele ía dizer, ~~diz-me:~~ *interrompe-o!* "Ele está um pouco chocado por ver muito lixo nas praias, nas estradas..." O garoto faz parar a mãe e diz ~~me:~~ "Mais mamam, c'est pas leur faute. Ils n'ont pas eu d' éducation". A história do pequeno Emmanuel tem-me feito pensar muito.

Se há déficits neste momento em termos de ~~podermos agarrar~~ *nova capacidade de captarmos* não só a nossa cultura ~~como raiz e como pertença,~~ *que* ~~mas também como projecto de futuro,~~ *que* ~~tem de se dar necessariamente uma transformação radical,~~ *que* ~~do que para nós significa a educação,~~ *que é muito mais do que a reforma do ensino.* ~~Em todo o caso penso que,~~ *sem desêzêques há de fundo, há uma razão pragmática;* como dizia há pouco tempo um grupo de dirigentes latino-americanos numa reunião em Washington, "O primeiro investimento que interessa aos países que tentam recuperar na corrida ao desenvolvimento é o investimento social". Este investimento é o que vai dar fruto a médio e a longo prazo.

Estou muito grata aos intervenientes no diálogo que referiram a cultura como formas de comportamento, como modos de viver, como ~~estética de vida,~~ *essa dimensão* porque ~~penso que é importante que tenham sublinhado~~ *que* ~~(e isso esteve em filigrana,~~ *lembro-me do* ~~penso em,~~ *que* ~~nas intervenções da manhã)~~ a cultura ~~como aquilo~~ *que* ~~que Paulo Freire dizia a alguns de nós antes do 25 de Abril:~~ "a cultura é um acrescentamento que o Homem faz ao mundo que não fez". Nesse sentido o sujeito da cultura não são só os notáveis que o nosso caro Eduardo Lourenço aqui citou; são, como o Jorge

com a sua com



A tendência de reduzir a educação à "reforma"
→ ~~Estarmos longe de olhar~~ do ensino "representa
uma espantosa ausência da percepção das
transformações q̄ afectam a sociedade.
~~Não parece esta~~ classe para os decisores
políticos ^{Fundação Cuidar o Futuro} vêm q̄ a educação é, desde o
início da industrialização, o veículo de
uma cultura q̄ tende a homogeneizar os
seus elementos necessários à ~~uma certa~~ orga-
nização do Estado-nação de ordem
económica instaurada pela industrialização.
É ~~esta~~ ~~parte~~ em gde parte pela educação
q̄ a ~~cultura~~ identidade cultural portuguesa
& pode inserever-se de forma autónoma e dife-
renciada na matriz cultural da era moderna.



4

Dinis disse, todos, mesmo aqueles que aparecem de uma forma completamente anónima. *É essa condição de sujeito da cultura que determina*
Isto tem a ver também com a relação do povo português com o trabalho, *modo de relacionamento*
~~com as relações~~ entre pessoas, as relações com as coisas, com os acontecimentos, *que se vive na face a acontecimentos*
com a própria visão da História, com a nossa atitude (por exemplo, porquê uma tal unanimidade em relação ao *Lusitania Expresso* e nunca nenhuma unanimidade em relação às causas imediatas que estão ao nosso alcance? Porquê?). Neste sentido, eu creio que ficou por analisar, mais em profundidade, esta dimensão da nossa identidade cultural sujeita, sem dúvida, a tudo aquilo que aqui foi dito, *a semelhança*
~~quer pelas nossas partidas, quer pelos fluxos de informação e de imagem de novos~~ *das e deambulemos aos*
objectos que entram no nosso espaço. Há formas de relacionamento com todo o ambiente, com toos os dados da nossa situação humana que me parecem carecer de mais aprofundamento entre nós.

Fundação Cuidar o Futuro

E agora ~~se~~ uma constatação. Não foi por acaso que os nossos moderadores de vez em quando interromperam alguns dos intervenientes dizendo: "Mas então a pergunta?". Colocavam-se dentro da hermenêutica, dentro do significado, do contexto da própria ciência: é que não há ciência sem atitude interrogativa. E nós, *contrária a essa atitude de questionamento*
~~(talvez aí a política nos tenha feito muito mal)~~ temos uma atitude sempre de confronto com o outro, que nos leva a situarmo-nos numa afirmação categórica e definitiva. *Ora*
Só pode saber alguma coisa aquele que pergunta. Sophia de Mello Breyner diz ~~muito bem~~ *empedadamente* nessa nossa atitude fundamental: "Ia e vinha e a cada coisa perguntava que nome tinha". Se quisesse dizer qual é o fundamento da atitude perante a ciência, ~~e duma identidade portuguesa perante a ciência~~, teria que sublinhar estas duas linhas da Sophia. E isso significa Interrogar a realidade mas deixarmo-nos também interrogar por ela. *E pergunto: estará esta atitude presente na nossa identidade? E se não está, quais são as condições para q a cultura portuguesa exprima, em voz alta, as interrogações q, de forma difusa, ~~se~~ percorram os nossos espíritos?*

→ q dizem respeito ao povo q somos

Fundação Cuidar o Futuro



Esta atitude interrogativa aplicar-se-ia com interesse

~~Muito~~ *nesta mesa-redonda* à questão, que já foquei esta manhã, da presença proporcional das mulheres e dos homens) - à tarde, no momento de maior número de presenças,

estiveram aqui 102 mulheres e 30 homens, o que quer dizer: 22% de homens para 78% de mulheres! *com o contributo dos sociólogos e antropólogos*

~~Os sociólogos e antropólogos que estão aqui poderiam ter~~ *arranjado* uma ficha ~~muito~~ simples a perguntar "por que é que veio" "que ocupação deixou para poder estar aqui" "o que é que o levou a escolher esta actividade para hoje". *isso* Acho que poderíamos concluir ~~das~~ coisas extremamente

~~interessantes, não sei o quê, tenho algumas ideias. Penso que essa interrogação é fundamental na ciência.~~ Como disse o Eng. Moniz Pereira: a ciência só é

compreensível e só contribui de facto para a verdade e para o bem estar dos homens quando é entendida e vivida como cultura, e não como uma separação

radical face às manifestações humanistas da cultura. Para o nosso país penso que é ~~extremamente~~ importante a utilização dos conceitos das ciências ditas exactas

como veículos de pensamento da nossa linguagem corrente. ~~Pertence à geração contemporânea do~~ *início* princípio da energia nuclear e lembro-me que quando alguns

começámos a utilizar a noção de "massa crítica", imediatamente alguém perguntava: mas o que é que isso quer dizer? *E logo se explicava* E hoje a gente não está em sítio

~~nenhum em que não fale do conceito de "massa crítica" com o entendimento da reacção em cadeia em que a "massa crítica" é um elemento indispensável para a libertação de energia nuclear.~~ *na reacção em cadeia* Penso que essa expressão, como muitas outras,

2 entrou na nossa linguagem, ~~mas nós temos uma certa barreira a essa~~ *temos muitas vezes* entrada de conceitos das ciências, ditas exactas ou experimentais, no nosso próprio

pensamento. Isto leva-me a dizer que a ~~ciência portuguesa, se ela existe~~ ou a ciência em Portugal, precisa necessariamente, para se impor como cultura, duma

circulação entre as várias formas do conhecimento, circulação não só dos conceitos, como os exemplos muito simples que acabo de referir, mas também dos

paradigmas. Se nós vamos fundo aos paradigmas de todas as ciências, humanas

Fundação Cuidar o Futuro



→ q̄ esta participam neste debate, poderíamos ter elaborado

→ Talvez verificássemos q̄ o tédio pelas ocupações exercidas ~~foi ultrapassado~~ estivesse na base desta escolha... ou q̄ a presença ou ausência das mulheres exprimisse o facto importante de o nosso país ter uma elevada % de mulheres na ~~pop~~ ^{pop} activa e, em comparação e/ou outros países europeus, nas instituições universitárias... ou q̄ as ms manifestam interesse ~~visível~~ pelas problemáticas de identidade... ou q̄ ~~o q̄ se viu? conta aberto f. uma i-~~ as necessitam tocar o seu trabalho nas tarefas q̄ consideram "hard" p. se ocuparem por umas horas de questões de identidade q̄ possíveis consideram "soft". -- Quaisquer q̄ forem as conclusões, só queira ~~sublinhar~~ ^{deste exemplo} q̄ sem a interrogação não há possibilidade de conhecimento científico da realidade.

Fundação Cuidar o Futuro



ou exactas, acabamos por encontrar os mesmos paradigmas ou os mesmos modelos, que são fundamentais. E é nesse sentido que a cultura também se pode enriquecer. Não foi por acaso, ~~e é curioso notarmos~~, que ao nível da superestrutura, em 1979, um dos governos teve um Ministério da Ciência e da Cultura que ainda vingou em 1980 mas que desapareceu rapidamente. O objectivo foi então, justamente, integrar a ciência e toda a expressão científica como forma de presença cultural no mundo. ^{o de} ~~Aqui neste ponto gostava de dizer que~~ enquanto as ciências que ~~eu~~ considero exactas têm essa dificuldade de permear a nossa expressão cultural, ~~há uma ciência que se baseia (sem ofensa para os economistas presentes) na adição e na subtração, que é a economia,~~ ^{Um desabafo entre faixentes} uma ciência exacta bastante simples e que, ~~no entanto~~, está a tentar substituir a Filosofia enquanto visão de conjunto, enquanto categoria última das nossas representações mentais e dos nossos objectivos na vida. Basta ouvir como as pessoas se lhe referem com tanta facilidade: "eu vou investir" agora noutra relação. Bom, que tenham um "lucro" muito grande é o que eu lhes desejo!

rudimentar

Fundação Cuidar o Futuro

Havia um bloco ~~que era~~ ^{no programa e já tivemos tempo de a/pra} muito importante e ficou para a próxima jornada a possibilidade ^a ~~da~~ afirmação da nossa identidade cultural face à celebração da História e à globalização de todos os grandes problemas. Dizia-se no programa "Como é que se faz essa afirmação em espaços de diálogo progressivamente mais alargados (...)?" Julgo que foi o Boaventura que disse esta manhã que é na medida em que assumimos completamente os problemas internacionais, como problemas nossos, que nós somos capazes de afirmar a nossa cultura. Só um exemplo da actualidade: no princípio do mês de Junho vai ter lugar a grande cimeira da Terra. É o maior conflito Norte-Sul das últimas décadas. Pois bem, nós, em Portugal, estamos completamente ~~a margem~~ ^{longe desta problemática} e entretanto fazemos discursos a dizer que somos ponte entre o Norte e o Sul. Somos ponte no nosso imaginário, mas no



concreto da criação cultural, do posicionamento político, da afirmação e da descoberta de soluções novas para problemas que são de uma imensa complexidade, nós estamos a ficar à margem. ^{Referindo o que} E ~~nesse sentido,~~ queria pegar no que ^{disse também Jorge Dinis há pouco -} ~~disse também Jorge Dinis há pouco,~~ É certo que os intelectuais discutem questões destas entre si, é certo que a sua voz não é conhecida; ~~mas eu não queria deixar de dizer uma coisa, que é negativa, mas é uma realidade da vida:~~ há muitos intelectuais ou muita gente que trabalha com conceitos e com ideias no nosso país que não têm nenhum acesso aos meios de comunicação social. Para isso, temos todos que ser sujeitos de uma identidade cultural em que a liberdade não seja só um *slogan* para usar uma vez por ano.

Fundação Cuidar o Futuro

